

Paul Ricœur, *Sobre a Tradução* [2004], Lisboa, Cotovia, 2005, 70 pp. [Trad. Maria Jorge Vilar de Figueiredo]

Ângela Sarmento

Em 2005, ano da morte de Paul Ricœur, as Edições Cotovia publicaram uma das últimas obras do filósofo francês, construída em torno de uma temática que sempre o atraía: *Sobre a Tradução*. O livro, traduzido por Maria Jorge Vilar de Figueiredo, reúne três ensaios de Paul Ricœur. "Desafio e prazer da tradução" é a transcrição de um discurso proferido no Instituto Histórico Alemão, a 15 de Abril de 1997. "O paradigma da tradução" foi lido na lição inaugural na Faculdade de Teologia Protestante de Paris, em Outubro de 1998, e foi publicado na *Esprit* (nº 853, Junho 1999). "Uma «passagem»: traduzir o intraduzível" é um texto inédito que aqui se publicou pela primeira vez.

Trata-se de um conjunto de reflexões sobre a teoria e a prática da tradução, cuja actualização se torna indispensável no próprio acto de leitura. Ler é já interpretar, que é já traduzir, pois o texto que aqui se apresenta presta-se a vários níveis de leitura, accionando mecanismos preconizados por abordagens diversas, desde a mais elementar, a semiótica, que, no quadro teórico de Ricœur, é aquela que permite reconhecer as unidades mínimas significativas, as palavras, e articulá-las de acordo com as regras do sistema língua, passando pela semântica, a que possibilita a actualização de segmentos mais vastos de sentido, como a frase, e integra contextos específicos, ainda intra-sistémicos, até à hermenêutica, que implica a decifração de segmentos propriamente discursivos, de texturas, de textos, que se tecem de "condensados" intertextuais e culturais (p. 14). Assim, a leitura deste livro vai-se tornando progressivamente mais complexa, pois cada palavra, cada alusão, cada referência, está impregnada de sentido do "mesmo" e do "outro", de um sentido de partida, estrangeiro, e de um sentido de chegada, já incorporado na textualidade de Ricœur, para ser, enfim, "comparado" pelo leitor e, de novo, "construído" (p. 66).

Acresce que são textos produzidos no final de um percurso filosófico vasto e variado, em que cada lexema se reveste de uma densidade filosófica considerável, para além dos estilemas idiossincráticos do autor, que ainda se lança no que designa por "analogias arriscadas" (p. 44). O método seguido pelo filósofo oscila entre o indutivo e o dedutivo, numa aproximação mais empírica e próxima do objecto de estudo, de

considerações históricas e de âmbito epistemológico, em consonância com a filosofia anglo-saxónica, ou numa preocupação mais teórica e metodológica, de herança francesa; sempre em constante diálogo com autores dos vários quadrantes.

No primeiro ensaio, produzido em contexto germânico, abundam as referências explícitas a autores alemães ou de expressão alemã, ou versados em temáticas alemãs, de áreas variadas, que não especificamente linguísticas. Ricœur propõe-se dedicar algumas notas "às grandes dificuldades e aos pequenos prazeres da tradução, sob a égide [de] *L'épreuve de l'étranger*" (1995) (p. 9), título dado por Antoine Berman ao seu ensaio sub-intitulado *Culture et traduction dans l'Allemagne romantique* (p. 9). Segundo o filósofo, a tradução é um desafio, uma pulsão, cujas dificuldades se resumem no termo "prova", no duplo sentido de "pena sofrida" e de "provação" (p. 10). Sugere, então, que se compare a "tarefa do tradutor" (Walter Benjamin) sob o duplo sentido que Freud (e a psicanálise) atribui ao vocábulo "trabalho", enquanto "trabalho de memória" (*idem*) ("resistência" do leitor em nome de uma auto-suficiência etnocêntrica e "resistência" do estrangeiro por uma imediata presunção da não traduzibilidade, na ausência de uma equivalência com adequação, somente verificável por exercícios de re-tradução (pp. 13 e 16)) e "trabalho de luto" (p. 10) (que, em tradutologia, e numa palavra, se resume a renunciar ao ideal da tradução perfeita (p. 17)). Com Franz Rosenzweig, Ricœur defende que a "prova" em questão assume a forma de um paradoxo, porquanto traduzir "é servir a dois amos: o estrangeiro na sua obra, o leitor no seu desejo de apropriação" (p. 11), e acrescenta que este paradoxo parece sancionado por um "voto de fidelidade" e uma "suspeita de traição". Recorrendo a uma expressão de Schleiermacher, Ricœur considera que o paradoxo se decompõe em duas frases: "conduzir o leitor ao autor" e "conduzir o autor ao leitor" (*idem*). A conjugação dialéctica destes dois movimentos, baseada no reconhecimento e na assunção da "irredutibilidade do próprio e do estrangeiro" (p. 20), garante o sucesso da tradução, e a dialogicidade do acto de traduzir converte-se em "hospitalidade linguística" (*idem*); assim, "o prazer de habitar a língua do outro, é compensado pelo prazer de receber em sua casa, na sua própria morada de acolhimento, a palavra do estrangeiro" (p. 21).

O segundo ensaio, central, "paradigmático", o mais longo e o mais elaborado, parece reproduzir parte dos outros dois (que, por sua

vez, se constituíriam em extensão deste), revelando duas orientações, uma de cariz mais teórico e outra centrada na prática da tradução. Ricœur começa por distinguir "duas vias de acesso [que se oferecem] ao problema gerado pelo acto de traduzir: considerar o termo de «tradução» em sentido restrito de transferência de uma mensagem verbal de uma língua para outra [abordagem escolhida por Antoine Berman em *L'épreuve de l'étranger*, que toma em consideração a pluralidade e a diversidade das línguas], ou considerá-lo no sentido lato, como sinónimo da interpretação de qualquer unidade significante no seio da mesma comunidade linguística" [abordagem seguida por George Steiner em *Après Babel* (1998)¹, incidente de modo directo no "fenómeno englobante que o autor resume na expressão: «Comprender é traduzir»" (p. 23)]. Ricœur opta por se debruçar sobre a primeira das duas possibilidades, partindo da "relação do próprio com o estrangeiro" (p. 24), que conduzirá à segunda, "através das dificuldades e dos paradoxos gerados pela tradução de uma das línguas para outra" (*idem*).

Ricœur considera então a "*diversidade das línguas*" (título de Humboldt). A existência de uma multiplicidade linguística sanciona a necessidade da tradução, mas, apresentando-se como causa, não se compreende como efeito, e continua a encarar-se como enigma, incompreensível de acordo com os critérios darwinianos. O mito de Babel "demasiado breve e demasiado confuso na sua feitura literária" (p. 25), não esclarece este fenómeno, caracterizando-o como "dispersão" no plano geográfico e como "confusão" no plano da comunicação (*idem*). E, no entanto, trata-se de um traço constitutivo da linguagem, contrastante com outros, como o da universalidade da linguagem, que é um critério de humanidade. Apesar da importância máxima de uma língua comum no plano da identificação comunitária ("utilização de sinais [signos] - que não são coisas, mas que valem como coisas - a troca dos sinais [signos] na interlocução" [p. 25]²), a competência universal é desmentida pelas *performances* locais (pela sua "efectuação [...] disseminada, dispersa" (*idem*)). Surgem, por isso, as especulações no plano do mito e, depois, no da filosofia da linguagem, sobre a origem da "dispersão-confusão" (p. 25). Daí a alternativa paralisante a que se tem chegado, para justificar a diversidade das línguas: ou se admite uma heterogeneidade radical, que torna a tradução teoricamente impossível, ou se reconhece a existência de um fundo comum que viabiliza a tradução, mas que pressupõe que se possa "*redescobrir* esse fundo comum", essa "língua absoluta", originária ou "universal" (p. 27). Todavia, contrapõe Ricœur, sempre se traduziu. A

sua sugestão é a de substituir a dialéctica teórica "traduzível *versus* intraduzível" por uma dialéctica prática, decorrente da própria tradução, e que seria a de "fidelidade *versus* traição" (p. 28).

A segunda parte deste ensaio, sob o título "Se é assim, como é que eles fazem?", assenta nesta inflexão. Ricœur começa por procurar a justificação deste gesto, a partir da interpretação do mito de Babel, que o filósofo não encerra na ideia de "catástrofe linguística infligida aos humanos por um deus que lhes inveja o sucesso" (pp. 34-35), mas que encara enquanto "mitos iniciais que têm em conta situações irreversíveis, como a constatação sem condenação de uma separação" originária (cf. p. 35), desde a dos elementos cósmicos, no início da Génese, "que permite que uma ordem emerja do caos" (*idem*), incluindo a da "perda da inocência e expulsão do Éden, que caracteriza também o acesso à idade adulta e responsável", passando ainda pelo "fratricídio, o assassinio de Abel, que converte a própria fraternidade num projecto ético" (*idem*). É, assim, destituindo de prepotência dogmática e escatológica a interpretação deste mito, numa linha de leitura que partilha com o exegeta Paul Beauchamp, que Ricœur ancora nesta "história" o exercício da linguagem; a tradução é o que se impõe perante esta existência (*idem*), esta "realidade de vida" (p. 39), a fim de que a "acção humana possa simplesmente continuar" (p. 37).

Depois de nova incursão sobre o desejo de traduzir e sobre os óbices da tradução, já aventados no primeiro capítulo da obra, Ricœur regressa à segunda abordagem que deixara em suspenso no início deste segundo ensaio, e que trata da tradução intra-linguística. Retomando o contributo de Steiner de *After Babel*, enfatiza os processos quotidianos de uma língua viva e o fenómeno do mal-entendido a ela associado, que, segundo Schleicher, suscita a interpretação da qual a hermenêutica quer fazer a teoria. Ricœur convoca ainda a semiótica de Peirce para corroborar esse facto característico do uso das línguas que é a possibilidade de "dizer a mesma coisa de outra forma" (p. 46), e acrescenta que a reformulação, a "explicação" (*idem*), está no centro da própria reflexividade da língua sobre si mesma (*idem*). A este propósito, Ricœur lembra Husserl, para quem o outro quotidiano é "der Fremde", o estrangeiro. Finalmente, e com o contributo de Saussure, por um lado, de Benveniste e Jakobson, por outro, e ainda de Harald Weinrich, Jauss e os teóricos da recepção, Ricœur centra-se nos três tipos de unidades "com que trabalhamos quando falamos e dirigimos a palavra a outrem" (p. 47), cuja manipulação nos afasta de uma presumida linguagem perfeita e suscita

os referidos mal-entendidos no uso quotidiano da língua: a palavra – a unidade do signo, mas também a polissemia, as conotações e as “figuras do oculto” (p. 48) –, a frase (a unidade do discurso, actualizando a relação do significado com o referente, em última instância, com o mundo, mas também a diversidade de pontos de vista, de perspectivas, de visões parciais do mundo), e o texto – o jogo de “*texturas* que *tecem* o discurso em sequências mais ou menos longas” (p. 49), mas também a possibilidade de narrar de outra maneira, variando apenas a intriga, a fábula; ou a intervenção da retórica e das suas figuras de estilo, os seus tropos (p. 50). Destas fontes de ambiguidade, que complexificam as relações entre o pensamento e a língua, resulta a eterna dúvida entre traduzir o sentido ou as palavras (*idem*). Resta ainda a possibilidade de explorar os usos da palavra onde se visa para além do real e do verdadeiro, não apenas o falso manifesto, como na mentira ou na dissimulação, mas ainda o possível, o condicional, o optativo, o hipotético, o utópico. A língua tem a propensão para a “não-comunicação” (p. 51), havendo até quem oponha interpretação a comunicação, como faz Steiner: “[c]ompreender é traduzir” (*idem*). Ricœur, por seu turno, já tinha convertido o intraduzível na possibilidade “fidelidade/ traição”. E a fidelidade pode incidir sobre o reconhecimento do estrangeiro em nós; na capacidade de preservar o “segredo” de si consigo mesmo, na possibilidade de manter a distância na proximidade, como nas nossas melhores trocas com o outro. Afinal, conclui Ricœur, apesar desta inversão, há sempre duas vias de entrada no problema da tradução.

No terceiro ensaio, Ricœur retoma a questão do in/traduzível, esse paradoxo que simultaneamente se apresenta como origem e efeito da tradução. Volta a referir a “*diversidade* [...] das línguas” (p. 55) a todos os níveis operatórios da linguagem (*idem*), questão que atrás expusera analiticamente. Todavia, avança agora que a tarefa do tradutor não vai da palavra à frase, ao texto, ao conjunto cultural, mas ao inverso, sendo que o acto derradeiro consiste no estabelecimento de um glossário de palavras, a última “prova, onde se cristaliza, de certa forma *in fine*, o que deveria ser uma impossibilidade de traduzir” (p. 58). Antes de se debruçar sobre o “traduzível” final, que produz a tradução, Ricœur pronuncia-se sobre o modo como se “opera” a tradução. É um facto que ela existe e que, por um impulso de curiosidade, sempre se traduziu. As duas soluções teóricas ao dilema da impossibilidade de princípio e da prática de tradução, o recurso a uma língua originária e a uma língua artificial, são, como já se viu, paralisantes, e mesmo a alternativa prática apontada por

Ricœur de "fidelidade/traição" se revela um dilema, na ausência de um critério absoluto que permitisse aferir o que seria a boa tradução (p. 61). A equivalência procurada não pode ser senão presumida, ou, melhor, construída. A partir do título do helenista Marcel Détienne, *Comparer l'incóparable* (2000), e da prática do sinólogo François Julien, Ricœur alia à tradução a fórmula "construir comparáveis" (p. 64), num movimento descendente até às unidades mínimas de sentido, não raras vezes elevando à dignidade de *équivalentes*, palavras da língua de acolhimento normalmente banalizadas no seu uso quotidiano (pp. 66-67). É uma forma de resolver o enigma da tradução. A última questão que se coloca é a do "sentido", até aí presumido, no discurso de Ricœur, mas não comentado. O "sentido" é "arrancado à sua unidade com a carne das palavras, essa carne que se chama «letra»" (p. 68); e a tradução "literal", tantas vezes preterida por bons tradutores, afinal não é uma tradução palavra a palavra, mas letra a letra (p. 69). Ricœur sugere que a continuidade da luta, sempre renascente, contra o intraduzível, se leia na proximidade dos dois títulos sucessivos de Berman: *L'Épreuve de l'étranger* e *La traduction et la lettre ou l'auberge du lointain?* (1999) (p. 70).

>>

Com este final, Ricœur reporta-nos ao início do livro, num exercício de re-tradução que tem sido o método adoptado ao longo do seu percurso (não por acaso, o último ensaio é dedicado a Jean Glaucon, que reflectiu sobre a sua obra). (Re)criando os próprios conceitos a partir dos termos já existentes, mas dando-lhes uma interpretação própria, ao encontro do "real", o filósofo vai ampliando o campo do conhecimento; faz dialogar as várias teorias, aproxima o estrangeiro do mesmo e expone o âmbito da filosofia enquanto releitura criadora dos textos de filósofos anteriores, e ainda, e sobretudo, confere à sua reflexão a dimensão de uma verdadeira ética orientadora da acção humana — e neste livro, concretamente, sob o "paradigma da tradução". <<

NOTAS

[1] Foi esta a edição seguida por Ricoeur; o título original é *After Babel*, 1975.

[2] No texto original – *Sur la Traduction*, Paris, Bayard, 2004 – lê-se: “[...] par langage, entendons l’usage de signes qui ne sont pas des choses, mais valent pour des choses – l’échange des signes dans l’interlocution –, le rôle majeur d’une langue commune au plan de l’identification communautaire” (p.23). Como se vê, e como será reforçado adiante, Ricoeur situa-se aqui no contexto da Linguística Estruturalista de matriz saussuriana, pelo que não vemos razão para traduzir “signes” por “sinais”.

NOTAS

SOBRE OS COLABORADORES

Ensaio:

>>

Biagio D'Angelo foi titular da cátedra de Literatura Comparada e Decano da Faculdade de Ciências da Educação da Universidade Católica Sedes Sapientiae (Lima, Peru). Actualmente é professor na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Doutorou-se em Literatura Comparada e Teoria da Literatura na Universidade Russa de Estudos Humanísticos, de Moscovo. É editor da revista *Cuadernos Literários*. Publicou recentemente *Confluencias e Intercambios. La Literatura Comparada y el Peru de hoy* (Lima, 2005). Em versão digital publicou "Borges en el centro del infinito".

Celia Pedrosa é professora de Literatura Brasileira, Literatura Comparada e Teoria da Literatura na Universidade Federal Fluminense. Fez Mestrado e Doutorado em Letras, o primeiro sobre a narrativa de Rubem Fonseca, o segundo sobre a crítica e a historiografia de Antonio Candido. Actualmente insere-se nas linhas de pesquisa Literatura e Vida Cultural e Literatura e Outras Artes, desenvolvendo pesquisa sobre poesia contemporânea. Em torno desse tema, coordena, com Rosa Maria Martelo, o projecto Poéticas da Modernidade e da Contemporaneidade: Subjectividades e Identidades em Devir (CAPES-GRICES), no âmbito de um convénio de pesquisa entre a Universidade Federal Fluminense a Universidade do Porto. Publicou o livro *Antônio Candido: a palavra empenhada* (EdUSP/EdUFF), e, como organizadora, as coletâneas de ensaios *Mais poesia hoje* (Sette Letras), *Poesia e contemporaneidade: leituras do presente* (Argos) e *Poéticas do olhar e outras leituras de poesia* (Sette Letras), os dois últimos com Maria Lucia de Barros Camargo.